

Sexualidades em foco: um debate via Ciências Humanas

Sexualities in focus: a debate via Human Sciences

Wagner Xavier Camargo¹

Em tempos de redescoberta da sexualidade humana por meio de debates polifônicos, instalados no seio da sociedade contemporânea acerca de corpos não conformes ou orientações sexuais não-heterossexuais, Jesse Bering nos apresenta um livro que traz provocações sobre o universo sexual para pensar (e repensar) a própria condição humana.

O título em português “Devassos por Natureza: provocações sobre sexo e a condição humana” causa certa curiosidade e, quando se denota que é uma tradução de *Why Is the Penis Shaped Like That?: And Other Reflections on Being Human* [“Por que o pênis tem esse formato? ... E outras reflexões sobre o ser humano”, em tradução livre], abre-se uma especulação sobre o motivo que teria levado tal tradução ser tão distinta do original. Seria uma tática mercadológica para vender o livro no Brasil e não “chocar” leitores/as – já que, ultimamente, temos nos descoberto mais racistas e preconceituosos do que no passado? Ou, uma mera decisão da equipe tradutora? Ou, seria ainda um critério editorial claramente conservador, que resolveu sufocar a forma provocativa e irônica do título em inglês? De qualquer forma parece haver, no mínimo, uma pitada de conservadorismo no critério editorial eleito para a tradução brasileira, supostamente baseado numa postura distinta da do autor, que pareceu, ao colocar o título sobre o pênis, querer causar polêmica e, obviamente, vender exemplares (lembremo-nos do disputado mundo editorial estadunidense). Algo interessante, no entanto, oferece-se aos leitores com a tradução para “Devassos por Natureza”, abre-se a possibilidade para interpretações sobre o significado do termo “natureza” e suas implicações, seja

¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-doutorando em Antropologia Social, bolsista Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) junto à UFSCar. E-mail: camargow@ymail.com.



numa perspectiva biológica e evolucionista (tônica do livro), seja numa abordagem mais antropológica ou filosófica.²

Com uma proposta sutil, nas entrelinhas, de trazer o conhecimento científico para a compreensão popular (leia-se de “senso comum”), o autor, doutor em Psicologia, gay (muito gay, como diz) e ateu, oferece-nos uma linguagem acessível, hilária, porém extremamente fiel à decodificação de importantes artigos científicos, publicados em anos recentes.

O livro é composto por oito grandes partes que o dividem tematicamente ao longo de trezentas páginas. Tais partes são preenchidas com 33 textos autorais curtos, escritos especialmente para leitores/as de suas colunas, nas revistas *Scientific American* e *Slate*, ambas norte-americanas cujas metas editoriais são de divulgação científica para amplos públicos.

O objetivo desta resenha é resgatar algumas das discussões endereçadas por Bering, de modo a demarcar a importância das temáticas para as áreas de Sexualidade e Estudos de Gênero. Pensamos que não se trata apenas da decodificação de uma “Psicologia Evolucionária” ou da demarcação de uma “Antropologia da Sexualidade”, mas do desvelamento da problematização sobre a sexualidade humana e seus temas candentes, de uma forma plural e complexa.

Apesar de estar dividida em capítulos, a obra pode ser lida a partir de qualquer ponto, não importando a ordem dessa leitura. No entanto, como as unidades são temáticas, os/as leitores/as são levados/as a seguir o fio condutor instaurado, o que acaba por ser produtivo na compreensão geral dos temas propostos. Sugiro, portanto, resgatar e alinhar partes enigmáticas e interessantes do livro.

A primeira parte é dedicada ao pênis humano, outro possível motivo que tenha inspirado o título em inglês. Fato curioso, pois Bering pretende desmistificar a normatização do olhar sobre o órgão masculino, desconstruindo alguns tabus. De seus formatos, posicionamentos, tamanhos e processos fisiológicos ou culturais que o envolvem (como composição do sêmen, ejaculação e autofelação), o autor tenta repensar a afirmação de que o pênis se desenvolveu por meio de uma resposta adaptativa da natureza. A tarefa é desempossar o falo de seu lugar simbólico,

² Agradeço o *insight* dessa reflexão sobre o título a um/uma parecerista desta resenha, que me chamou atenção para tal aspecto, não trabalhado originalmente no texto previamente enviado para avaliação.

reduzindo-o a um apêndice do corpo humano. Se veio a ter as múltiplas aparências que tem por respostas adaptativas, o mesmo não pode ser dito de outras partes que o envolvem, como, por exemplo, as bolsas escrotais, estruturas complexas que contam com o músculo (cremastério); as próprias gônadas masculinas (que são assimétricas); e as distintas funções que se diferenciam mediante estímulos internos/externos.

O texto sobre autofelação, por sua vez, é algo de destaque nessa parte.³ Comportamento cultural desenvolvido por nossos antepassados, Bering critica nas análises científicas tanto a excessiva “carga homossexual” atrelada à autofelação, quanto à frequente patologização do fenômeno pela psiquiatria. Além disso, dispara que a psicanálise tem que ir além em sua interpretação, pois não é possível apenas explicar a autofelação como indicação de desejo erótico pelo mesmo sexo. Aliado ao reconhecimento da limitação das explicações psicologizantes, o autor abre uma possibilidade à *potência do desejo* (termos meus), visto que “por vezes as pessoas são motivadas a lambar os próprios genitais simplesmente porque a sensação é agradável” (BERING, 2013, p. 25).

Outro ponto que chama atenção na parte I é o texto sobre o sêmen humano. Apesar de fazer referência a pesquisas antropológicas que se debruçaram sobre costumes culturais, envolvendo o sêmen — como a conhecida pesquisa de Gilbert Herdt (1982), antropólogo social que estudou os Sâmbias da Nova Guiné e a ingestão de sêmen como forma de aumentar/adquirir a masculinidade desejada — Bering diz estar interessado nas “propriedades psicológicas do sêmen” (BERING, 2013, p. 45), uma vez que, embora se saiba muito sobre a química básica de sua composição, nada se sabe sobre a atuação dessas substâncias na biologia, nos comportamentos e na psicologia feminina. Portanto, traz investigações científicas para mostrar que a presença ou ausência do sêmen humano é muito mais do que recurso reprodutivo: por exemplo, mulheres heterossexuais que moravam juntas e mantinham relações com seus respectivos namorados possuíam uma sincronia menstrual, ao passo que lésbicas que coabitavam em condições similares (contudo, sem intercâmbio de sêmen) não apresentavam tal sincronia. Ou, ainda, que o sêmen

³ Por autofelação, o autor define como “o ato de aplicar a boca aos próprios genitais para obter prazer sexual” (BERING, 2013, p. 23). Segundo sua explicação, há a diferença entre *auto-fellatio* (autofelação) e *auto-irrumatio* (felação orientada a outro), comportamentos já registrados e descritos cientificamente desde passados imemoriais.

poderia ter “efeito antidepressivo” (BERING, 2013, p. 49), quando ingerido oralmente (ou absorvido via anal) por parceiros/as heterossexuais ou homossexuais.⁴

De todos os subtítulos, “mentes indecorosas” (parte III) é o mais provocativo. Sob seu desígnio, o autor tratará de danos cerebrais que provocam comportamentos sexuais adictos, sonambulismo ligado a ereções noturnas e masturbação. No caso dessa temática, e buscando razões que expliquem por que os homens se masturbam, Bering reedita parte das pesquisas que tentaram entender o complexo fenômeno da masturbação nos últimos anos.

Ao passo que reconhece que a masturbação é uma estratégia resultante da evolução para se desvencilhar de esperma antigo, estocado nas bolsas escrotais, também vai afirmar que ela é um comportamento extremamente raro em espécies com mãos hábeis, muito similares às nossas. Isso resulta, como afirma, que “somos os únicos com capacidade para fazer surgir à vontade cenas eróticas, indutoras de orgasmo, nos cinemas pessoais de nossas mentes — fantasias internas, lascivas, completamente desconectadas de nossas realidades externas imediatas” (BERING, 2013, p. 103). Portanto, nisso tudo há um papel muito importante das “fantasias masturbatórias”, termo que não define, mas reconhece não estarem tais fantasias ligadas apenas aos desejos insatisfeitos ou à privação erótica.

Uma das mais estimulantes e interessantes partes do livro é “estranhos companheiros de cama” (parte IV), tópico em que o autor trata de temas candentes como pedofilia, zoofilia, assexualidade, podofilia e adeptos da borracha. No ensaio sobre pedofilia, por sua vez, assinala o quanto é complicado, de qualquer ponto de vista, classificar os indivíduos como pedófilos, visto que há uma gama de termos para explicar diferentes tipos de desejo, direcionados a jovens púberes/ou adultos já formados, como os que o subtítulo faz referência (hebéfilos e efebófilos, por exemplo). Por isso, Bering postula que talvez o cantor Michael Jackson não fosse pedófilo como fora classificado, mas sim hebéfilo, ou seja, um adulto que exhibe “preferência sexual por crianças no auge da puberdade, entre as idades aproximadas de nove e quatorze anos” (BERING, 2013, p. 111).

Se, por um lado, há concordância de uns pela taxonomia de um desvio, por outro há preocupações com questões muito simples como idade cronológica e

⁴ Vale destacar que pesquisas mostram a troca de sêmen entre homossexuais através do sexo anal desprotegido como um efeito positivo de “ligação” com seus parceiros, algo notadamente perigoso do ponto de vista da contaminação pelo HIV, mas de influência psicológica confortante para a solidificação da relação (CROSSLEY, 2004).

maturação biológica. Às vezes, um corpo está “pronto” do ponto de vista de sua maturação para a cópula sexual e, no entanto, não teria idade cronológica para adentrar nessa fase adulta (segundo, claro, a legislação em vigor).

E as controvérsias não param por aí. Tanto heterossexuais quanto homossexuais (homens com desejos orientados para adolescentes mulheres ou homens desejando adolescentes homens) estão no meio de uma série de fatores que envolvem ditas problemáticas, desde os físicos/biológicos aos socioculturais. Como destaca o autor, “dinheiro, prestígio e *status* podem tornar esses casos fisicamente possíveis, e até simbióticos” (BERING, 2013, p. 117).⁵

A crítica do autor se baseia no argumento de que, talvez, estejamos numa “era punitiva de pânico moral”, na qual todo mundo tenta classificar comportamentos por taxonomias médicas, quando deveriam perceber que orientações eróticas relativas à idade estão enraizadas em distinções arbitrárias. Desse modo, particularmente, o mundo acadêmico deveria, em sua opinião, deixar de lado o temor em tratar tais questões e se lançar no desafio de problematizar fatos e fenômenos.

Na sequência, contando o caso de uma distraída mordida na língua da própria cachorra, Bering decide desengavetar o relato de um leitor zoófilo e escrever um ensaio em torno da questão: “é possível desenvolver uma preferência sexual genuína por uma espécie não humana?” (BERING, 2013, p. 122). Importante ressaltar o que esclarece logo a seguir: o ato de fazer sexo com animal é uma coisa; ficar mais excitado com animais do que com outros seres humanos é outra completamente diferente.

A partir disso, traz a informação que, até então, os estudos científicos historicamente sempre consideraram relações sexuais de seres humanos com outros animais como bestialismo. Além disso, a literatura, igualmente, sempre tratou o sujeito dessas relações como ignorante, privado de mulheres, morador de zonas rurais alijadas de convívios sociais. Pesquisas posteriores, no entanto, desmistificaram tal pressuposição e começaram a teorizar a zoofilia como uma “orientação sexual extraordinariamente rara” (BERING, 2013, p. 124) e, sobretudo,

⁵ Aqui é possível lembrar casos dessa natureza relatados por Perlongher (2008) sobre a relação de michês novos com homossexuais mais idosos, na cidade de São Paulo, nos anos 1980.

real. Contudo, como salienta Bering, restam mais questões do que respostas, e a zoofilia como assunto está longe de ser tratada com seriedade e profundidade.⁶

A parte V é dedicada às mulheres. Meio sem jeito e mesmo ostentando certo tom misógino, o autor toca em alguns temas caros ao feminismo, como orgasmo feminino, ejaculação feminina, “crueldade” (?) em adolescentes mulheres e o que intitula de “estranho caso” (termos dele) das mulheres que gostam de homens que gostam de homens (ou *fag hags*, em inglês). No tópico sobre a ejaculação feminina, insiste no argumento de que o orgasmo feminino não só é pouco estudado, como ainda é controversa a tese que atestaria sua “função adaptativa”. Particularmente, neste tópico, Laqueur (2001) traria contribuição fundamental, pois além de mostrar o caráter historicamente construído do sexo (não do gênero), ensina-nos que sexo só é explicável dentro do contexto da luta sobre gênero e poder.

Dos variados assuntos da parte VI, o autor perde o foco e mistura sentimentos pessoais com opiniões científicas. Ele próprio reconhece que estava escrevendo alguns dos textos, aí colocados numa situação de “crise de relacionamento” com o namorado. Dentre eles, talvez valha a pena uma atenção mais detida no que trata do poliamorismo (pois tenta pensar tal proposição a partir de relações homoeróticas) e no ensaio sobre homofobia como desejo reprimido, problemática atual que afeta o universo de sujeitos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros/as), nas mais diversas esferas da vida.

Por ser um compêndio de textos, nem todo o livro tem a ver com sexualidade humana. Ao menos, não diretamente. As partes II, VII e VIII fogem da discussão central, configurando-se como assuntos periféricos. As partes II e VII são antagônicas em termos temáticos: enquanto numa o autor trabalha questões “mundanas” do universo (pelos pubianos, canibalismo e acne), na outra ele se dedica a tratar de religião. Destaque para “A história natural do canibalismo”, na qual Bering mostra como tal fenômeno passou de uma adaptação biológica da espécie humana para um *efeito-tabu* nas modernas sociedades industriais.

Na oitava parte, por seu turno, dedica-se a problematizar o suicídio interdisciplinar, a partir de perspectivas socioculturais, biológicas, psicológicas e

⁶ No DSM-V da *American Psychological Association*, zoofilia é classificada como uma desordem somente se a atração sexual de uma pessoa por animais não humanos for causa de sofrimento para ela. Mesmo antes de ser lançada em 2013, tal versão recebeu críticas do diretor do Instituto Nacional de Saúde Mental (NIMH) dos Estados Unidos, Thomas Insel, que disse que a fraqueza do manual “é a falta de fundamentação” (MALAGONI, 2013).

estatísticas. O autor parte, assim, do horror da constatação do aumento do número de suicídios por parte de adolescentes gays nos últimos anos — bem como de suas dolorosas lembranças de quando tentou o suicídio — para desenrolar a temática, baseando-se nos debates canônicos entre dois autores que pensaram o suicídio em anos recentes.

O que se torna enigmático atestar é que ele se utiliza de uma retórica desconstrutiva (portanto, irrompe com o estabelecido) para falar sobre sexo, órgãos, comportamentos considerados não tradicionais ou ordinários, mas acaba utilizando de cânones habituais da Sexologia e da Ciência Biológica para tentar embasar suas críticas aos próprios modelos duros de tais ciências. Desconsidera, talvez por questões de formação, as ponderações críticas foucaultianas acerca da sexualidade humana e do jogo entre saber-poder que a envolve — por exemplo, bem tratado na *História da Sexualidade* (1985).⁷

Para finalizar, é importante dizer que independente do livro se concretizar ou não em uma referência para o universo de leitores/as mais especializados, que discutem sexualidade humana e relações de gênero, o esforço feito por Bering é inteligível, no sentido de que ele buscou discutir, de forma acessível, tais tópicos temáticos, por acreditar que o conhecimento científico transforma perspectivas e visões de mundo. Com isso, espera-se que esses novos olhares também transformem coisas a nossa volta e mudem nossos próprios atos perante o universo. De minha parte, espero que os/as leitores/as desse livro de Bering, principalmente os/as especialistas em Estudos de Gênero e Sexualidade Humana, aproveitem os *insights* contidos nas curiosas generalidades apresentadas, para desenvolverem investigações mais verticais e pontuais.

⁷ Talvez aqui valha comentar uma referência: parte das considerações de Bering se assenta sobre a obra de Alfred Kinsey, pesquisador norte-americano que desenvolveu investigações na área da sexualidade humana, nos anos 1960. Obviamente tais investigações influenciaram comportamentos socioculturais nos EUA e até foram consideradas parte indutiva da revolução sexual desencadeada posteriormente. Para uma crítica sobre os modelos deterministas/essencialistas e uma perspectiva teórica nova sobre a sexualidade como área em disputa, ver VANCE (1995). Para entrar nas discussões críticas mais específicas acerca do sistema sexo/gênero, ver clássico estudo de RUBIN (1993).

Referências

BERING, Jesse. **Devassos por natureza**. Provocações sobre sexo e a condição humana. Tradução Maria Luiza de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013. 300 p.

CROSSLEY, M. L. Making sense of 'barebacking': Gay men's narratives, unsafe sex and the 'resistance habitus'. **British Journal of Social Psychology**, v. 43, i. 2, p. 225-244. 2004.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber I**. 8. ed. Tradução Maria Tereza Albuquerque; J. A. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

HERDT, G. Fetish and Fantasy in Sambia Initiation. In: HERDT, Gilbert (Ed.). **Rituals of Manhood: male initiation in Papua New Guinea**. Berkley: University of California Press, 1982. p. 44-98.

LAQUEUR, T. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MALAGONI, L. As polêmicas do DSM-V. **Jornal Opção**. 2013. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/posts/reportagens/as-polemicas-do-dsm-v>>. Acesso em: 26 maio 2014.

PERLONGHER, N. **O Negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

RUBIN, G. **O Tráfico de Mulheres: notas sobre a 'economia política' do sexo**. Trad. Christine Ruffino Dabat; Edileusa Oliveira da Rocha; Sonia Corrêa. Recife: SOS Corpo, 1993.

VANCE, C. A. A Antropologia redescobre a Sexualidade: um comentário teórico. **Physis – Revista da Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-31, 1995.

Resenha:

Recebida em: 31/03/2014

Aceita em: 02/07/2014